

MAZOLINI, Ana Carolina Constantino. **Muros que permeiam a universidade e as relações sociais e como estes interferem no estado de presença – Uma reflexão a partir da experiência no Seminário de Pesquisas.** Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Mestrado. Orientadora: Larissa Sato Turtelli. Professora e Dançarina.

### RESUMO

Este texto traz uma reflexão a partir da experiência vivenciada no VI Seminário Interno de Pesquisas MARIO SANTANA - PPG Artes da Cena - IA – UNICAMP que aconteceu nos dias 17, 18 e 19 de abril de 2018. Dentre os quatro temas que permearam as atividades: "Presença", "Formas de Escrita", "Imagem, Símbolo e Arquétipo" e "Treinamento", este texto destaca a "Presença" e como este tema, impulsionado pelas discussões ocorridas durante as atividades, se relaciona com o momento vivido pela autora, sua atuação na universidade e com parte do desenvolvimento da sua pesquisa do projeto de mestrado.

**Palavras-chave:** Seminário. Pesquisa. Pós-graduação. Dança. Presença.

### ABSTRACT

This text brings a reflection starting from the experience lived in the VI Internal Seminar of Research MARIO SANTANA – PPG Arts of the Scene – IA - UNICAMP that happened on April 17, 18 and 19, 2018. Among the four themes that permeated the activities: "Presence", "Writing Forms", "Image, Symbol and Archetype" and "Training", this text highlights the "Presence" and how this theme, driven by the discussions during the activities, relates to the moment lived by the author, her interaction in the university and with part of the development of her research of the master's degree project.

**Keywords:** Seminar. Research. Master degree. Dance. Presence.

O VI Seminário Interno de Pesquisas MARIO SANTANA - PPG Artes da Cena - IA – UNICAMP aconteceu nos dias 17, 18 e 19 de abril de 2018. Nestes 3 dias foram realizados debates com professores do programa, rodas de conversa e chás temáticos. O tema que permeou essas atividades foram "Presença", "Formas de Escrita", "Imagem, Símbolo e Arquétipo" e "Treinamento".

Neste ano além dos Artigos e Ensaios nos formatos mais comuns seguindo as normas da ABNT, foi proposto também como forma de escrita dos Anais "Documentos de apresentação artística" que contemplaria descrições de processo criativo, descrições da apresentação no dia, documentos sobre o espetáculo, links para partes do espetáculo ou espetáculo inteiro, etc. e impressões gerais da experiência no seminário, que vem a ser o tema deste texto. Este trabalho não possui a pretensão de se aprofundar em nenhum tema específico, mas de compartilhar pensamentos e questionamentos que surgiram a partir da minha experiência pessoal neste encontro.

Esta foi minha primeira participação no Seminário de pesquisa da pós-graduação em Artes da Cena como mestranda, participei em 2014 com exposição de pôster da minha pesquisa de Iniciação Científica, mas por ser aluna da graduação na época o envolvimento se deu de forma mais superficial.

Neste ano ingressei no mestrado com o projeto "Conhecer-se e empoderar-se: um estudo utilizando o primeiro eixo do Método BPI em uma vivência em Dança para mulheres com mais de 20 anos". Desde de 2016 sou



professora da rede municipal de ensino de uma cidade próxima de Campinas. Trabalhar, apesar de garantir financeiramente o desenvolvimento da minha pesquisa acadêmica – tendo em vista a dificuldade em receber financiamento através de bolsa de estudo – ao mesmo tempo impede uma imersão maior no processo do mestrado, na pesquisa, participação em mais disciplinas, vivência no meio universitário, mais trocas com outros estudantes e professores do programa.

Dentro desta perspectiva, o Seminário de Pesquisas foi um momento no semestre em que eu consegui vivenciar de fato o meio acadêmico na pós-graduação. Foi um momento para uma imersão, mesmo que pequena, mas ainda assim diferente das idas isoladas à Unicamp para a realização de uma disciplina presencial (a única que foi possível encaixar com os meus horários neste semestre) e encontros com a orientadora. Nestes poucos dias de Seminário foi quando tive a oportunidade de conhecer e encontrar outros alunos e principalmente ver e ouvir outros professores.

Dentro dos temas que foram debatidos no Seminário “Presença” me despertou de diferentes formas e me proporcionou questionamentos e ideias referentes a universidade, a pesquisa e mais especificamente sobre o desenvolvimento do meu projeto. Destacarei para dialogar com este texto a Roda de Conversa entre os Professores disparada por este tema que aconteceu no segundo dia de encontros. Nesta atividade as definições e pensamentos expostos pelos participantes, me fizeram pensar sobre a minha atuação e as diferenças no meu estado de presença enquanto graduanda e agora como mestranda. Me fizeram pensar também nas relações que permeiam este estado, tanto as conexões internas, mas principalmente as externas e como possíveis muros físicos e sociais podem afetar este encontro ou construção. A partir da Roda e seu desdobramento foi possível pensar ainda mais especificamente neste estado de presença relacionado a experiência vivida por mim ao propor oficinas de Dança do Brasil em um dos bairros da periferia de Campinas – parte do meu projeto de mestrado.

Felizmente durante a minha graduação posso dizer que tive uma posição privilegiada em relação a outros estudantes da universidade, pois durante meus cinco anos na graduação eu não precisei me preocupar com recursos financeiros. Inicialmente eu tive apoio da minha família, mas logo no segundo ano eu fui contemplada com bolsa PIBID e depois até o final do curso com bolsa FAPESP por conta das pesquisas de iniciação científica. Com isso eu pude me dedicar ao curso de Dança em período integral, a pesquisa de iniciação científica, a viagens para pesquisa de campo, pude realizar disciplinas em outros departamentos, participar de grupos de estudo e pesquisa, do centro acadêmico, do DCE, e etc. Eu posso perceber que pude estar e me fazer presente no período em que cursei a graduação.

Agora, estando no mestrado e trabalhando, consigo entender melhor o que muito já se discutia no movimento político sobre medidas de permanência estudantil e como há, além do muro físico que cerca a universidade, um muro invisível que impede que muitas pessoas estejam presentes e façam parte do meio acadêmico. Como dito anteriormente, ter um emprego hoje garante que eu tenha recursos financeiros para comprar materiais necessários para o desenvolvimento da minha pesquisa, que eu tenha condições para me locomover até a universidade e aos locais em que desenvolvo a pesquisa, mas por outro lado impede que eu tenha mais tempo para me dedicar ao projeto, as



disciplinas, as leituras e as trocas tão ricas que a universidade oferece a quem tem a oportunidade de frequentá-la.

As discussões da Roda de Conversa entre os Professores caminharam mais para a ideia do termo presença e do estado de presença nos processos artísticos e criativos, nas cenas, na atuação, nos métodos, porém ao estar ali presente, participando do seminário e com a sensação pela primeira vez de poder vivenciar a experiência de estar no mestrado, não tive como não vincular o termo “presença” ao momento que estou vivendo e as questões que rodeiam este momento.

Felizmente eu, neste caso, estou me deparando com esta sensação de estar e ao mesmo não estar, de participar e não me fazer presente, de frequentar, mas ao mesmo tempo dividir e não integrar, apenas agora durante este início do mestrado, porém esta é uma questão que inicia para muitas outras pessoas durante a graduação.

Ao levarmos em consideração o número de estudantes matriculados nos cursos oferecidos na Unicamp, por exemplo, é muito baixa a porcentagem de alunos e alunas que recebem algum auxílio, como, moradia, alimentação e transporte, ou mesmo bolsas de financiamento à pesquisa, essa realidade infelizmente constrói um muro social que dificulta a entrada e principalmente permanência dos alunos e alunas na universidade.

O jovem que entra na universidade muitas vezes precisa buscar fora e de forma individual meios para conseguir permanecer e terminar seu curso e sua pesquisa, trabalhando até em áreas opostas à sua de interesse para conseguir se manter. Quando este ou esta jovem se divide entre estudar e trabalhar, podemos concluir que a sua dedicação e envolvimento com os estudos e as pesquisas será menor, pois o tempo de atuação nestes campos será dividido, o que também pode prejudicar a qualidade dos trabalhos. Esta realidade incerta e insegura, como dito, afasta muitas pessoas do meio acadêmico e forma uma barreira social que impede o acesso da população a universidade, a pesquisa e aos conteúdos produzidos no meio acadêmico.

Além do recorte social pautado pelos problemas encontrados na permanência estudantil, a necessidade de se sustentar, trabalhar, há também um recorte de gênero em que as mulheres encontram ainda mais obstáculos para seguir e concluir os estudos. É bem sabido e discutido que ainda vivemos em uma sociedade machista que privilegia os homens e discrimina as mulheres, e entre todas as dificuldades que elas enfrentam, as que são mães encontram obstáculos ainda maiores por precisarem cuidar dos seus filhos. A falta de vagas em creches e escolas, a falta destas também em período integral, afasta as mulheres de realizarem as suas atividades, concluírem e aprofundarem seus estudos.

O meu projeto de mestrado se propõe a trabalhar especificamente com mulheres. É um projeto que se propõe, a partir das minhas vivências e pesquisas relacionadas ao método Bailarino-Pesquisador-Intérprete na graduação, oferecer oficinas de dança do Brasil a um grupo de mulheres para, que através da dança e de aspectos do método BPI, seja realizada uma pesquisa de movimento do próprio corpo e suas possibilidades, um estudo sobre si, sobre a identidade e a expressividade do corpo.

O campus da Unicamp em Barão Geraldo, assim como de outras universidades, é cercado por muros e arames que materializam este distanciamento entre o que muitas vezes é pesquisado e produzido dentro da



universidade e acaba permanecendo apenas dentro deste espaço. O projeto propõe que as oficinas sejam realizadas fora do ambiente universitário, uma vez que o método já é estudado dentro do curso de graduação em Dança, pela intenção de compartilhar este estudo e focar esta pesquisa em mulheres que tenham outras experiências, estas desvinculadas das proporcionadas pela academia.

Por isso, a proposta inicial foi oferecer estas oficinas em um dos pontos de atuação do IBAÔ - Instituto Baobá de Cultura e Arte, no bairro Jardim Bassoli, Campinas-SP. O IBAÔ é um dos Pontos de Cultura e Memória de Campinas que, além de promover atividades semeadoras das referências culturais afro-brasileiras em sua sede fixa localizada na Vila Padre Manoel da Nóbrega, também atua em alguns outros pontos de Campinas como o bairro Jardim Bassoli na região do Campo Grande em Campinas. No Jardim Bassoli está localizado um conjunto habitacional do programa federal “Minha Casa Minha Vida” lançado em 2011, o conjunto possui capacidade para abrigar até 20 mil moradores, mas já apresenta condições precárias de infraestrutura.

Mesmo com a minha proposta de sair dos muros físicos que estruturam e cercam a universidade, foi possível perceber a partir desta vivência a existência de um muro social que divide grande parte da população e a universidade. O Campo Grande é um bairro afastado do centro de Campinas e das estruturas básicas sociais, como, hospital, escola, áreas de lazer e até mesmo a universidade. É necessário um deslocamento considerável destes moradores para o acesso aos locais de suas necessidades diárias, assim como precisei percorrer este mesmo caminho para chegar até este bairro, mas no meu caso apenas uma vez por semana e não todos os dias como seus moradores.

A proposta inicial era que as oficinas fossem realizadas no período de quatro meses, porém só foram possíveis três encontros devido a desistência das mulheres. Os maiores motivos que impediram que as mulheres participassem das oficinas não foram previstos por mim, estudante, moradora de um bairro próximo ao centro da cidade, solteira, sem filhos.

Ao entrar em contato com os moradores e moradoras do bairro percebi que o único dia que seria possível realizar as oficinas seria aos sábados, pois as mulheres trabalham durante a semana, saem cedo e chegam em casa tarde. Aos sábados de manhã é oferecida uma aula de Zumba que por hora é a única atividade de lazer próximo aos condomínios, propus então que as oficinas de Dança do Brasil ocorressem no horário seguinte a ela.

As aulas de Zumba ocorriam em uma das duas quadras que há próximo aos condomínios, a quadra cercada por arames permitia que as mulheres deixassem seus filhos brincando neste mesmo espaço enquanto elas se revezavam em segurar e cuidar das crianças, dançar com elas no colo, aprender e executar os passos da sequência.

As oficinas de Dança do Brasil foram propostas para acontecer no salão de festa de um dos condomínios, a fim de que as mulheres tivessem um espaço mais reservado e seguro para se expressarem corporalmente e entrarem em contato de forma mais sensível consigo mesma. Para que este encontro consigo mesma através da dança e do método proposto acontecesse era preciso que as mulheres estivessem de fato presentes neste espaço, se relacionando de forma real com as atividades da oficina e com o grupo.

Na referida Roda de Conversa entre Professores do segundo dia do Seminário, alguns pontos foram colocados através das falas e se manifestaram





em mim como impulsionadores das minhas reflexões compartilhadas neste texto, gostaria de destacá-las agora ainda para uma relação mais específica com a prática das oficinas de Dança do Brasil no Jardim Bassoli.

Um dos pontos colocados em discussão na Roda foi a conquista do estado de Presença através da atenção, da percepção interna e desta associação como parte importante para a sua construção. Relacionado a este contato interno foi discutido também sobre estar ou não fora de si, se desvinculando do eu para abrir-se ao outro e atingir o estado de presença a partir daí em cena na conexão com o personagem. Ainda sobre a presença, não apenas no produto final, mas durante o desenvolvimento do processo, foi conversado sobre indicações que propõem o distanciamento ou associação dos problemas pessoais para chegar-se a qualidade esperada. Encontrar, ou como em um dos pontos de vista colocados, perceber o estado de presença que não é construído, mas advém da conexão alcançada, “estar com”. Contribuindo com esta ideia houve também o levantamento sobre a integração necessária para a efetiva presença, integração do corpo com o campo sensível e como a relação e os conteúdos internos refletem externamente no estado de presença.

Durante as falas e a conversa no Seminário nesta atividade, lembrando da recente experiência com as oficinas, me questionei em como essas mulheres, moradoras e participantes da oficina no Jardim Bassoli, poderiam se conectar com o próprio universo interno. Libertar-se ou conseguir alinhar de alguma forma seus problemas, para estar com sigio mesma de forma mais sensível e integrada ao corpo, a fim de encontrar ou construir o estado de presença, que a princípio seria necessário para o desenvolvimento das atividades proposta pela oficina.

Como isso seria possível dentro daquele espaço, o salão de festas do condomínio, em que pessoas que não participavam da oficina entravam e saíam constantemente durante a aula interrompendo e tirando a atenção das participantes. Como seria possível atingir o estado de presença uma mulher que já avisa antes de começarem as atividades que precisará sair mais cedo para fazer o almoço para a família que está esperando. Ou ainda as mulheres com seus filhos no colo tentando fazer a aula e dividindo-se entre dar a atenção a eles e ouvir e realizar as conduções da professora, isso por não terem onde ou com quem deixar as crianças enquanto fazem a oficina.

Este é um contexto particular que eu vivenciei através da minha proposta de pesquisa e que, devido a desistência das participantes em sua maioria ligadas aos exemplos de dificuldades citados acima, infelizmente não foi possível continuar e estudar quais seriam as formas para trabalhar a presença neste lugar, com estas mulheres, nestas condições. Mas esta experiência me faz questionar o que é de fato estar presente e como este estado de presença está relacionado não apenas ao contato consigo mesmo, com o sensível, o interno, mas também com o meio, com as condições que o envolvem e com outras questões que atravessam isso tudo. Neste caso, por exemplo, a estrutura física do espaço, a relação social, as condições e responsabilidades atribuídas especificamente a mulher dentro de uma sociedade em que há a desigualdade entre os gêneros. Me fez questionar também se este muro que separa fisicamente a universidade de grande parte da população, se ele também não existe socialmente de tal forma a distanciar teorias e práticas as formas que estas podem ser amplamente aplicadas ou não.



Assim como dito no início, este texto não possuiu a pretensão de aprofundar de forma teórica em nenhum dos temas discutidos durante o Seminário de Pesquisas, mas sim compartilhar parte da minha vivência nele, as impressões e questionamentos que surgiram a partir desta experiência.

Posso concluir que para mim, a experiência em participar deste seminário da pós-graduação foi extremamente válida e significativa, neste período e durante os encontros eu pude conhecer outros alunos, ouvir e saber mais sobre os outros professores do programa e suas pesquisas. A partir das discussões pude refletir sobre a minha atuação como aluna do mestrado, em como políticas oferecidas pela universidade interferem, não só na minha, mas na presença mais efetiva de outros estudantes no meio acadêmico e em como ainda para as mulheres esta relação é mais complicada quando mães.

Por fim, de forma mais prática, pude relacionar o tema “presença” com a minha experiência já no desenvolvimento do projeto de mestrado nas oficinas propostas no bairro Jardim Bassoli com suas moradoras. Como os muros que materializados cercando a universidade são maiores e interferem não só na presença física das pessoas no campus, mas como há uma barreira social que por vezes impede que conhecimentos e pesquisas produzidos na universidade cheguem e possam ser compartilhados da mesma forma com a população que não atua no meio acadêmico.

### Referências bibliográficas

MELCHERT, A.C.L. *A descoberta da cultura velada e dos gestos vitais: Um aprofundamento no eixo inventário no corpo do Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete)*. 2010. 371p. Tese (Doutorado em Artes) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RODRIGUES, G.E.F. *O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método*. Tese de Doutorado, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, SP. Campinas, 2003.

RODRIGUES, G. *Bailarino-Pesquisador-Intérprete: processo de formação*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997. (Reedição 2005).

RODRIGUES, G.E.F. et al. *Corpos em Expansão: a arte do encontro no método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI)*. *Revista Brasileira de Estudos da Presença* [Brazilian Journal on Presence Studies], v. 6, n. 3, p. 551-577, 2016.

